

A vida cristã: Conceitos e impulsos a partir de escritos de D. Estêvão Bettencourt

*Christian life: Concepts and Thrusts
from the Writings of D. Estêvão Bettencourt*

MARIA DE LOURDES CORRÊA LIMA*

Resumo: Partindo da análise de textos de D. Estêvão Bettencourt, são apresentadas as ideias mestras do Autor acerca da vida cristã. Estas são sistematizadas em três aspectos: a dinamicidade da vida, os condicionamentos existenciais do cristão, as atitudes dele exigidas em conformidade com sua fé.

Palavras-chave: Sentido da vida. Vivência da fé no cotidiano. Vocação cristã.

Abstract: Based on the analysis of texts by D. Estêvão Bettencourt, the author's master ideas about Christian life are presented. These are systematized under three aspects: the dynamism of life, the existential conditionings of a Christian, and attitudes demanded from him in accordance with his faith.

Keywords: Meaning of life. Experiencing faith in everyday life. Christian vocation.

Introdução

Sistematizar a compreensão do pensamento D. Estêvão Bettencourt sobre a vida cristã, as características que devem pautar a existência do cristão, é, pela riqueza de seus ensinamentos, certamente um desafio. A leitura de suas obras permitiria trazer ricos pensamentos, capazes de orientar a busca de santidade, chamado fundamental dirigido a cada pessoa. Seus artigos em “Pergunte e Responderemos” e de modo especial os números de janeiro,

* Maria de Lourdes Corrêa Lima é Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Professora de Sagrada Escritura na PUC-Rio e no Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro. E-mail: mlclima08@gmail.com

contudo, permitem divisar elementos orientadores, na medida em que, neles, D. Estêvão aponta coordenadas para impulsionar a vivência do ano que se inicia. Alguns desses prefácios serão aqui lidos no sentido de extrair deles aspectos fundamentais que norteiem a vida cristã. Serão complementados por dados provenientes de outros textos, também oriundos desta célebre revista, e da revista *A Ordem* do Centro Dom Vital.

Agruparemos os pensamentos em três tópicos: a dinamicidade da vida, seus condicionamentos, as atitudes do cristão. Significativo espaço ocupará aqui a citação de textos, a fim de dar viva voz a nosso Autor e valorizar a expressividade neles contida.

1 A vida é um caminho dinâmico

É muito frequente, nos escritos de D. Estêvão, aqui considerados, a concepção da vida cristã como uma realidade submetida a um contínuo movimento. Segundo nosso autor, a vida cristã deve ser marcada por um processo de paulatino amadurecimento, pautado pelo crescimento espiritual:

Um rígido imperativo rege nossa vida: é preciso crescer, interiormente, como o número de anos cresce exteriormente¹.

Para isso, D. Estêvão utiliza algumas vezes a imagem da espiral cônica:

Para os cristãos, os ciclos da história tomam a forma de espiral ou de linha que sobe, passando pelas mesmas etapas, mas sempre em plano mais elevado, até chegar ao seu cume ou Ômega. A história não é monótona, porque dinâmica, porque todos os anos o cristão passa pelas mesmas fases, mas cada vez mais maduro, mais próximo e mais prenhe de eternidade².

Este crescimento espiritual se dá na base de uma constante busca de Deus e de uma tensão escatológica. D. Estêvão está consciente das limitações humanas³ e de quão grande podem ser os condicionamentos que afetam, negativamente, esse processo. No entanto, traça as balizas a que o cristão sincero deve se ater, para corresponder a essa dimensão essencial da existência. Parte-se do fato, já evidente sob o aspecto filosófico, de que a busca de Deus é um movimento natural do ser humano; por sua abertura constitucional ao transcendente, este não pode ter suas mais profundas aspirações satisfeitas,

1 *Pergunte e Responderemos*, v. 49, jan/2008, prefácio.

2 *Pergunte e Responderemos*, v. 33, jan/1993, prefácio.

3 Cf. o ponto 2 a seguir.

senão com o Bem supremo, o Sumo-Bem: “toda criatura humana é sequiosa de algo maior e melhor ou de uma resposta mais cabal para os seus anseios naturais”⁴.

Sob o ponto de vista teológico, esse movimento interior baseia-se no fato de que o ser humano é criado à imagem e como semelhança de Deus (cf. Gn 1,26). É essa afirmação bíblica que oferece, de modo mais completo, o sentido do ser humano, pois identifica sua mesma essência: a expressão bíblica, afirma nosso autor, “parece designar aqui (...) a própria essência do indivíduo (...), a essência do homem”⁵.

Por pertencer à natureza humana, tal procura deve ser permanente. De fato, o homem está, constantemente, submetido ao tempo; sua vida se desenvolve na dimensão de um antes e um depois. Com isso, “o fio condutor” da existência humana deve ser “procurar..., procurar, incessantemente, o Bem Infinito que, em última análise, é o próprio Deus”. E acrescenta: “Não há como parar nessa busca; o fim de uma etapa é ainda começo (...) começo de outro segmento”⁶. Parar significa perder a meta, desestruturar a vida. Trata-se, desse modo, de um movimento exigente, que implica a superação do cansaço, do tédio, da rotina e, paralelamente, a manutenção de uma disposição do espírito que rejeite deixar de fixar o olhar na meta suprema:

Quem não aceita este ritmo e para, “fica perplexo” ou perde o sentido da vida; os bens passageiros que esta vida oferece não satisfazem plenamente. É, pois, necessário, ter fome e sede... de justiça, de santidade, de perfeição (cf. Mt 5,6). Ser obrigado a viver dessa fome e com essa fome é incômodo, cansa, mas é penhor de vida e felicidade⁷.

Com isso, integrante do crescimento espiritual é a dimensão moral: crescer, “também qualitativamente, ganhando em coerência, profundidade, coragem”⁸.

Baseado como está na natureza humana, criada à imagem e como semelhança de Deus, o crescimento espiritual se desenvolve, necessariamente, dentro de uma tensão escatológica: viver o presente orientado para o futuro. O grande futuro indicado pela fé cristã lança luz sobre cada momento, cada decisão, da vida do fiel. É isso que a tira da superficialidade e lhe dá sua verdadeira e mais profunda dimensão:

4 *Pergunte e Responderemos*, v. 32, jan/1992, prefácio.

5 *Pergunte e Responderemos*, v. 3, 1961, p. 10.

6 *Pergunte e Responderemos*, v. 32, jan/1992, prefácio.

7 *l. cit.*

8 *Pergunte e Responderemos*, v. 47, jan/2006, prefácio.

Será preciso viver mais intensamente ou menos superficialmente cada um de nossos eventos, como se cada qual deles fosse único ou o último evento de nossa vida⁹.

Tal orientação escatológica exige, pela natureza das coisas e dos fatos, um constante ultrapassar-se, em vista da finalidade última da existência humana:

A natureza humana só se consuma ultrapassando-se a si mesma e voltando a Deus, ou seja, voltando ao Protótipo que deixou sua imagem indelevelmente gravada em cada um de nós¹⁰.

É exatamente nesta autossuperação, pela graça, que o homem chega a ser, verdadeiramente, quem ele é, pois vai se aproximando sempre mais da realização plena do ser imagem e semelhança de Deus. A autossuperação implica dois aspectos: de um lado, sobrepujar as tendências que o afastam do projeto originário do Criador para sua vida; de outro, chegar cada vez mais, a uma profunda comunhão com Ele:

Amando a Deus mais do que ao próprio “eu”, [o ser humano] “realiza-se” e encontra sua verdadeira face¹¹.

Tal caminho exigente é amparado pela consideração da altíssima meta à qual conduz:

O que dá ânimo ao viandante para continuar a estrada é a certeza de que, ultrapassando bens fugazes e ilusórios, chegará ao Bem Absoluto, apreendido em visão face a face¹².

O futuro é, assim, o encontro definitivo, beatificante, com um Deus de amor, que sacia toda a sede de Absoluto:

não um Deus terrível, que afugenta, mas, sim, um Deus que atrai, porque, sendo Suma Perfeição, há de preencher as aspirações mais profundas do ser humano¹³.

Em suma, a vida cristã é um caminhar constante, que parte do amor de Deus ao criar cada vida humana como sua imagem e semelhança, para chegar à plenitude da comunhão com Aquele do qual o homem é imagem.

9 *Pergunte e Responderemos*, v. 49, jan/2008, prefácio.

10 *Pergunte e Responderemos*, v. 3, 1961, p. 14.

11 *Pergunte e Responderemos*, v. 3, 1961, p. 14.

12 *Pergunte e Responderemos*, v. 32, jan/1992, prefácio.

13 *Pergunte e Responderemos*, v. 35, jan/1995, prefácio.

Um caminho de contínuo superar-se, para chegar à vida eterna, ápice do processo de amadurecimento, plenitude da vida humana:

A bem-aventurança celeste não é uma edição revista, melhorada, ampliada, da vida presente; (...) mas algo que ultrapassa, de longe, essas concepções materiais¹⁴.

Neste contexto, D. Estêvão cita 1Cor 2,9: “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem jamais percebeu, eis o que Deus preparou para aqueles que o amam”. E completa: “Ver a face da Beleza infinita significa ser ‘insaciavelmente saciado’”¹⁵.

Com isso, D. Estêvão consegue expressar de modo claro e mesmo existencial o que nem sempre é fácil exprimir, isto é, em que consiste a vida eterna: “saciar-se insaciavelmente”. Na vida eterna,

dá-se o contrário do que ocorre na terra; aqui conhecemos primeiramente as criaturas, delas passamos ao conhecimento de Deus. Na vida celeste, veremos Deus... tudo o mais à luz de Deus ou à luz da Verdade. Com outras palavras, podemos dizer: céu é a participação da criatura no colóquio que o Pai e o Filho, no Espírito Santo (Amor), entretêm entre si. O ritmo da vida trinitária se torna ritmo da vida dos bem-aventurados¹⁶.

2 Condicionamentos

Um dos elementos para os quais ele chama a atenção é a tendência à superficialidade, a qual caminha junto com a incapacidade de refletir, profundamente, sobre os fatos. Embora tendência em certa medida presente no homem de todos os tempos, tal incapacidade é, já na época de nosso Autor, exacerbada pela velocidade da vida moderna, com a consequente transitoriedade da realidade. Trata-se de uma

tendência espontânea de nosso eu viver superficialmente, pois os acontecimentos se desencadeiam tão rapidamente, as urgências são tantas, que parece não sobrar tempo para refletir, dar sentido profundo aos nossos atos¹⁷.

Urge, portanto, o esforço redobrado de valorizar cada momento, cada

14 *l. cit.*

15 *l. cit.*

16 *l. cit.*

17 *Pergunte e Responderemos*, v. 47, jan/2006, prefácio.

evento, relendo-os à luz dos valores absolutos, enfim, de Deus, meta última da existência¹⁸.

D. Estêvão menciona também as tribulações da vida cotidiana, que ele considera como chances de crescimento pessoal em direção a Deus:

A caminhada, vivida na fé ou na penumbra, é, sem dúvida, exigente. Ela pode passar por tribulações, crises. Ora, estes momentos difíceis são precisamente os mais valiosos, porque nos obrigam a nos emancipar mais e mais dos bens passageiros, para procurar alento nos que não passam; são, precisamente, ocasião de crescer. Lembremo-nos de que o átomo encerra poderosa energia atômica, que ele só projeta quando percutido ou martelado. Ora, cada um(a) de nós pode identificar-se com o átomo, portador de magníficas virtualidades, que só se desenvolvem quando provocadas pela Mão do Divino Artesão, que nos quebra o egoísmo para que vivamos mais dilatadamente a filiação divina, herdeira daquilo que o olho não viu,... “mas Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9)¹⁹.

Isso implica que, em meio aos condicionamentos da vida, cabe ao cristão tomar sua existência em suas próprias mãos. A vida é responsabilidade pessoal, resposta livre a um chamado – mesmo e também dentro da vida fraterna. Mas, tomar em suas mãos a própria vida significa colocá-la nas mãos de Deus, oferecendo-a em cada situação como parte do diálogo de amor iniciado por Deus. Significa, de outro lado, assumir o sofrimento com o olhar fixo em Deus, como meio para ser mais. Partindo da alegoria da videira e dos ramos, presente em Jo 15, diz nosso Autor:

Os bons não são privilegiados, mas, ao contrário, podados. A poda não é um castigo, mas é o corte dos elementos que dispersam a seiva; a poda permite maior fecundidade. Assim, todo cristão que tende à perfeição é podado pelo Pai, para que se desligue de todas as bagatelas e procure mais concentrar-se em Deus²⁰.

Portanto, trata-se de assumir a vida na fé, que dá os meios de, mesmo no sofrimento, encontrar a alegria. Para D. Estêvão, esta é uma componente integrante da existência, pois deriva da fé, que deve estruturar a vida do fiel:

18 Cf. *Pergunte e Responderemos*, v. 49, set/2008, p. 382.

19 *Pergunte e Responderemos*, v. 47, jan/2006, prefácio.

20 *Pergunte e Responderemos*, v. 49, set/2008, p. 383.

“O cristão é chamado a viver o seu processo educativo com alegria inspirada pela fé”²¹.

Isso só é possível porque a graça de Deus o sustenta. Nosso Autor chama em causa, aqui, uma vez mais, a alegoria da videira, presente no Quarto Evangelho, e assim toca no mais profundo da existência cristã: a vida, em seus apelos e desafios concretos, vivida na comunhão mais íntima com a Pessoa mesma de Deus. A vida é tematizada, então, como uma “mútua imanência” entre Deus e o cristão, segundo a qual Deus vive em nós e nós, em Deus: “... permanece em Mim e Eu nele... Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5)²². A partir daí, o sofrimento cristão recebe nova motivação e novo escopo: participação nos sofrimentos de Cristo, em prol da Igreja, seu Corpo²³.

3 Atitudes do cristão

A partir da concepção da vida cristã, exposta acima, considerando ainda seus condicionamentos, é útil identificar seus elementos caracterizantes. Serão tematizados três aspectos.

a) Ardor e entusiasmo

A concepção da vida como um amadurecimento progressivo, que exige autossuperação, poderia fazer pensar numa existência sombria, marcada pelo rigor. Se este está presente, ocorre, todavia, dentro da moldura da alegria da fé e implica duas atitudes: ousadia e entusiasmo. A ousadia deriva do fato de não nos contentarmos com os bens imediatos, mas irmos na direção do Infinito²⁴; anda junto com a coragem, indispensável para enfrentarmos e superarmos os obstáculos e para nos ultrapassarmos:

somos criaturas cujas virtualidades ainda não foram totalmente desenvolvidas ou cujos talentos ainda não foram aplicados por completo²⁵.

Somos chamados, assim, a viver os acontecimentos cotidianos sempre “com mais intensidade ou com novo ardor”²⁶. O exemplo vem de Jesus, cujos sentimentos devemos ter (cf. Fl 2,5). Isso significa procurar assemelhar-se ao coração de Cristo, com toda a gama de suas aspirações e atitudes²⁷. Em outras

21 *l. cit.*

22 *l. cit.*

23 *l. cit.*

24 Cf. *Pergunte e Responderemos*, v. 49, jan/2008, prefácio.

25 *Pergunte e Responderemos*, v. 47, jan/2006, prefácio.

26 *l. cit.*

27 Cf. *l. cit.*

palavras, estar ancorado no próprio Jesus. Ele “deseja corações ardentes, que dinamizem os passos do viandante”²⁸.

É nesse contexto que D. Estêvão fala do perigo da monotonia, à qual se deve opor o impulso e a força que deriva do desejo veemente de encontrar o Senhor. Esse impulso que rejeita deixar-se dominar pela monotonia da vida, pela busca permanente de Deus, nosso Autor identifica com um forte termo, “volúpia”:

Possa a volúpia de descobrir sempre mais a Deus e seu plano, numa síntese mais profunda, mais inspirada pela eternidade, gerar novo entusiasmo naqueles que a aparente monotonia da caminhada ameaça cansar²⁹.

Ligada a esse entusiasmo, na busca de Deus, está a comunhão com os irmãos. Se Deus se revelou como Pai, revelou também a humanidade, em seu plano originário, como uma imensa fraternidade composta por inumeráveis irmãos. Usando a imagem de uma roda que tem seus vários raios convergindo para um centro, D. Estêvão fala da importância da vida fraterna. A imagem é eloquente. Se o centro é Deus, quanto mais os raios se aproximam deste ponto, mais se aproximam também uns dos outros. Vida de comunhão com Deus e vida fraterna são duas faces de uma mesma moeda, e uma sem a outra não se sustenta:

A fraternidade entre os homens está necessariamente associada à paternidade de Deus; se não há Pai no céu, também não há irmãos na terra. A recíproca é válida: se os homens se afastam de Deus, afastam-se uns dos outros, como acontece com os raios da roda³⁰.

E se a vida humana é busca de Deus, o entusiasmo com que ela é vivida dinamiza o caminhar para o centro, “para onde convergem todos os irmãos”³¹. Assim, caminhar para Deus é caminhar igualmente para o verdadeiro e sobrenatural encontro fraterno. E o caminhar de cada irmão para o centro é que dá forma à roda, à vida, à história que gira.

b) O valor do tempo

Um dos pontos fortes do pensamento de D. Estêvão sobre a vida cristã é a valorização da dimensão temporal, seja no plano da história, dos eventos

28 *l. cit.*

29 *Pergunte e Responderemos*, v. 33, jan/1993, prefácio.

30 *l. cit.*

31 *l. cit.*

da vida, seja no da existência pessoal. Para ele, é preciso, periodicamente, retomar a consciência do enorme valor do tempo. Este surge como corolário da meta escatológica, que marca a existência, pois “no tempo se constrói a eternidade”³². Ou, comparando com a geração do ser humano no seio materno e seu nascimento:

Estamos ainda em formação, em demanda de nossa estatura espiritual consumada. Daí a importância de nossos dias, semanas, anos (para não dizer: ... de nossos segundos, de nossos minutos)³³.

Valorizar cada minuto... cada segundo... pelo grande peso que têm como constitutivos da existência.

O tempo é oferecido pela Providência divina como uma oportunidade para que voltemos, “ainda mais certamente, para o Grande Encontro”³⁴. Cada momento, cada dia, é “dom da misericórdia divina”³⁵, dom para aprofundamento da comunhão com o Senhor. Cumpre, portanto, percebê-los e vivenciá-los como encontro com Deus:

(Deus) proporciona aos fiéis a ocasião de descobrirem sempre mais a sua presença latente nos deságios da história contemporânea³⁶.

Citando Is 43,1-2, que fala da proteção constante de Deus, tematiza-se o chamado do cristão a viver na certeza da presença divina em todos os acontecimentos³⁷. Dessa forma, mesmo diante das situações que poderiam parecer à primeira vista negativas, desastrosas, cabe ao cristão empenhar-se em buscar seu sentido à luz da providência divina. O critério para sua avaliação ultrapassa os valores terrenos e exige a consideração da eternidade:

Quem só vê as linhas tortas, mas não as sabe ler, fica perplexo. Um Deus cuja providência falhasse e pudesse ser acusada de injustiça, não seria Deus; Ele, por definição, é a Suma Perfeição³⁸.

Nas entrelinhas está indicada a atitude fundamental: a confiança absoluta em Deus, baseada em seu amor e em seu poder, que governam a história humana em seu conjunto e a história de vida de cada fiel. Deus, que está constantemente presente, com sua providência. Com isso, o cristão tem

32 *Pergunte e Responderemos*, v. 47, jan/2006, prefácio.

33 *l. cit.*

34 *Pergunte e Responderemos*, v. 35, jan/1995, prefácio.

35 *Pergunte e Responderemos*, v. 32, jan/1992, prefácio.

36 *l. cit.*

37 *l. cit.*

38 *Pergunte e Responderemos*, v. 49, set/2008, p. 382.

os instrumentos para avaliar o passado, o futuro e o presente. Se o passado não pode ser mudado, ele é, para quem tem fé, “escola”:

proporciona experiência: ...experiências positivas, que ensinam a viver corretamente, e experiências negativas, que ensinam a evitar os escolhos³⁹.

O futuro, de sua parte, é um “convite”:

convite a todo homem (especialmente ao cristão) para que se supere a si mesmo; se procedeu bem, procure proceder melhor ainda (o cristão é chamado à santidade e sabe que o tempo é concedido à guisa de moratória, para que resgate os dias perdidos ou mal aplicados)⁴⁰.

O presente, enfim, é o momento da responsabilidade. Olhando para o futuro, reger a vida buscando ser instrumento de Deus, colaborando em sua obra salvífica:

Estar entre o passado e o futuro significa ser elo ou passagem entre uma fase e outra da história. Significa preparar o futuro para que as gerações vindouras encontrem o patrimônio da humanidade abrilhantado pelo fato de ter existido a geração presente. É grande responsabilidade; lembra a cada cristão que ele não vive para si, mas para o Cristo, que protrai a sua obra redentora através dos tempos, servindo-se de uns para salvar a outros⁴¹.

Com esta última frase, nosso Autor tematiza a vida cristã como vocação – chamado de Deus – e, por isso, missão: viver não para si, mas para Deus (cf. 2Cor 5,15), em vista da salvação da humanidade. Sobre a base de ser imagem e semelhança de Deus, a vida humana é chamada a espelhar e transluzir a perfeição divina, tornando-se realmente instrumento de Deus⁴². A partir do Batismo, que nos configura a Jesus, o fiel pode ser transparência da ação de Deus neste mundo:

O Cristianismo não é apenas uma escola de bons costumes, mas é uma comunhão de vida com o próprio Deus. Jesus é o primeiro Sacramento da graça; por sua humanidade (de gestos, palavras, ações...) passavam os dons de Deus aos homens. Ora, o Batismo torna a criatura ramo dessa videira indefectível⁴³.

39 *Pergunte e Responderemos*, v. 31, jan/1991, prefácio.

40 *l. cit.*

41 *l. cit.*

42 *Pergunte e Responderemos*, v. 3, 1961, p. 13.

43 *Pergunte e Responderemos*, v. 49, set/2008, p. 383.

Em outros termos, o cristão deve empenhar-se em viver sua existência como missão na Igreja e no mundo, porque ele foi feito ramo vivo da videira que é Jesus, prolongamento, no Corpo místico, da vida da Cabeça. Ser no mundo continuação vivente de Jesus Cristo, uma continuação da encarnação do Verbo no humano⁴⁴.

c) O heroísmo da fé

Para D. Estêvão, a vida cristã exige intrepidez, é chamada ao heroísmo:

Quem toma consciência de que a vida tem sentido, cria em seu íntimo disposições de coragem e alegria para viver⁴⁵.

Exige-se uma coragem constante no cotidiano:

Nem todo cristão pode fazer coisas revolucionárias. A maioria se vê obrigada a limitar-se ao cotidiano e rotineiro. Pois bem, a todo cristão incumbe o dever de fazer extraordinariamente bem as coisas ordinárias. (...) A santidade, à qual todos os cristãos são chamados, pode-se resumir neste programa: fazer extraordinariamente bem as coisas ordinárias⁴⁶.

Não se trata, porém, de uma audácia simplesmente humana, mas aquela baseada na fé e, por isso, à verdade. O cristão deve estar sempre disposto ao heroísmo no testemunho da verdade:

Diz São Pedro que devemos estar preparados para dar a razão da nossa esperança a todo aquele que no-la pedir (1Pedro 3,15). Esta necessidade de darmos conta da nossa esperança e da nossa fé, hoje é mais premente do que outrora, visto que somos bombardeados por numerosas correntes filosóficas e religiosas contrárias à fé católica⁴⁷.

A afirmação da “verdade”, com efeito, é central no pensamento de nosso autor:

Tão submetida a crítica por parte de diferentes orientações filosóficas e pelo relativismo contemporâneo, a existência da verdade é defendida, por

44 Cf. *Pergunte e Responderemos*, v. 39, out/1999, prefácio.

45 *Pergunte e Responderemos*, v. 43, mar/2002, p. 56.

46 *Pergunte e Responderemos*, v. 43, mar/2002, prefácio.

47 Apresentação da revista *Pergunte e responderemos* online, 30 de julho de 2003. Disponível em <https://www.veritatis.com.br/revista-pergunte-e-responderemos-2/>. Acesso em 22 de julho de 2021.

nosso autor, na base do que chamou de “realismo natural”, isto é, a partir da evidência do senso comum. Não se trata, porém, de uma noção abstrata, mas de um fator essencial para dar sentido à vida:

O fato de que há verdades absolutas é altamente reconfortante e tremendamente assustador. Reconfortante, sim, porque a Verdade é luz, e fomos feitos para a luz. Assustador, porque exige a coragem necessária para enfrentar o que não quebra, o que não pode ser remodelado conforme as minhas dimensões subjetivas, mas exige que eu me configure a algo de objetivo ou a um modelo que está fora de mim e lançou seus germes em mim⁴⁸.

No que concerne à vida cristã, tais afirmações excluem, por princípio, o subjetivismo, e baseiam a busca de uma moral fundamentada em critérios absolutos, construídos sobre a verdade: “A conduta moral do homem há de estar baseada na verdade, penhor de vida”⁴⁹. Longe de se tornar opressora, a moral fundamentada na verdade dá à vida beleza: “torna-se assim mais exigente, mas é precisamente a fidelidade à verdade que lhe dá beleza e esplendor”⁵⁰.

Trata-se, por conseguinte, de uma vida baseada no amor, porque o bom, o verdadeiro e o belo se correspondem. Por esse mesmo fato, a atuação do fiel se torna capaz de atrair corações e mentes sinceros:

Ao cristão toca, por excelência, o dever de dar tal testemunho de uma vida bela, ... bela porque orientada pelo esplendor da verdade⁵¹.

Reflexões conclusivas

Como síntese dos pontos indicados acima, que sem a pretensão de ser completa, possibilita indicar aspectos essenciais do pensamento de D. Estêvão sobre a vida cristã, pode servir-nos um dito seu bastante divulgado:

Guarde sua paz, entregue-se a Jesus. Continue a estudar e a trabalhar firme. Não se preocupe com o passado, olhe para o presente e o futuro com absoluta confiança em Deus.

Guardar a paz e entregar-se a Jesus se correspondem e resumem a comunhão com Deus, a contemplação, que exprime de modo particular

48 *A Ordem*, v. 95, ano 85, 2006, p. 124.

49 *Pergunte e Responderemos*, v. 34, jan/1994, prefácio.

50 *l. cit.*

51 *l. cit.*

o “ora” beneditino. A paz – outro termo importante na espiritualidade beneditina – se guarda pela entrega a Jesus. Chave de toda a existência é a oferta contínua de si mesmo a Deus, que D. Estêvão não só ensinou, mas de que deu testemunho diuturno.

Tal entrega leva à missão – ao “labora” beneditino –, particularmente enfatizada na busca da verdade pelo estudo, em consonância com uma total fidelidade à Igreja, e no trabalho em prol da difusão do Evangelho. Uma doação incansável, como outra forma de concretização da entrega a Jesus.

Por fim, a entrega que se expressa numa total confiança no Deus de bondade, deixando para trás o passado e olhando para o presente e o futuro na demanda da pátria definitiva.

Por isso, para D. Estêvão, a vida é prenhe de sentido:

O sentido da vida se torna ainda mais significativo quando se toma consciência de que Deus tem um desígnio para cada criatura humana, desígnio que Ele torna conhecido mediante uma vocação ou chamado. Cada ser humano reflete um pensamento de Deus. Aliás, Ele não somente chama, mas também concede a sua graça ou o seu auxílio, para que cada qual chegue devidamente à plena realização de si mesmo⁵².

E o cristão pode realizar, na sua vida, o desígnio de Deus, participando, pela graça, da obra salvífica de Jesus Cristo:

É a graça de Deus que salva o mundo... graça desse Deus que quer agir entre os homens, mediante os homens, numa continuada encarnação⁵³.

Referências

A Ordem, v. 95, ano 85, 2006, p. 124.

Pergunte e Responderemos, v. 3, 1961, p. 10-14.

Pergunte e Responderemos, v. 31, jan/1991.

Pergunte e Responderemos, v. 32, jan/1992.

Pergunte e Responderemos, v. 33, jan/1993.

Pergunte e Responderemos, v. 34, jan/1994.

⁵² *Pergunte e Responderemos*, v. 43, mar/2002, p. 56.

⁵³ *Pergunte e Responderemos*, v. 39, out/1999, prefácio.

Pergunte e Responderemos, v. 35, jan/1995.

Pergunte e responderemos, v. 39, out/1999.

Pergunte e Responderemos, v. 43, mar/2002.

Pergunte e Responderemos, v. 47, jan/2006.

Pergunte e Responderemos, v. 49, jan/2008.

Pergunte e Responderemos, v. 49, set/2008, p. 382-383.

Pergunte e responderemos online, 30 de julho de 2003. Disponível em <https://www.veritatis.com.br/revista-pergunte-e-responderemos-2/>. Acesso em 22 de julho de 2021).

Artigo recebido em 03/08/2021 e aprovado para publicação em 17/08/2021

ISSN online 2763-6992

ISSN impresso 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v20i40-2021-4>

Como citar:

LIMA, M. L. C. A vida cristã: Conceitos e impulsos a partir de escritos de D. Estêvão Bettencourt. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 40, p. 393-406, jul./dez. 2021. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br